

Formação e Comunicação na perspectiva dos afetos: perscrutando a escrita de Eliane Brum¹

Mei Hua Soares²

Faculdade Cásper Líbero

RESUMO

Resultado da primeira etapa de uma pesquisa ainda em desenvolvimento, o presente estudo pretende pensar aspectos relacionados a aulas de Língua Portuguesa e à formação em Comunicação Social na perspectiva do afeto – conceito trabalhado por Cremilda Medina. Para tanto, serão analisados elementos técnicos e intuitivos, recursos de estilo e linguagem presentes em reportagens da jornalista e autora Eliane Brum, no intuito de tecer reflexões sobre como se dá o trabalho com a alteridade, as subjetividades e as representações mobilizadas em sua escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Escrita Jornalística; Afeto; Formação; Eliane Brum

As parteiras erguem as velas pedindo iluminação no ofício. Invocam a terra, o rio e a floresta. É uma conversa de comadres, uma prosa ao pé do ouvido. A imagem fala a uma sociedade surda, esquecida do cordão umbilical com algo maior que o mundo forjado dentro do mundo. A voz de Dorica, a mais velha parteira da floresta, ecoa em cada mulher quando sentencia: “É o tempo que faz o homem, e não o homem que faz o tempo. Parto é mistério. E menino a gente nunca arranca. Só recebe”.

(Trecho de “A floresta das parteiras”, reportagem de Eliane Brum.)

É nesse nexo – o ser estar afeto a, como o feto no útero da mãe – que dita a posterior necessidade humana de comunicação entre os integrantes dos grupos, comunidades, regiões, nações, Estados e limites planetários. A solda da ação comunicativa, não importa se direta ou indireta, por meio de suportes tecnológicos, origina-se e se consoma (ou não) na ética solidária, na técnica da partilha e na poética da afetividade.

(Cremilda Medina, trecho retirado de “A magia solidária do útero”, In: *Ciência e Jornalismo – da herança positivista ao diálogo dos afetos*)

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora e Mestra em Linguagem e Educação pela Universidade de São Paulo (FE-USP), Bacharel e Licenciada em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP), docente do curso de Comunicação Social da Faculdade Cásper Líbero (FCL) e pesquisadora do Centro de Pesquisas Interdisciplinares (CIP-FCL). Integra o Grupo de Pesquisa (CNPq) Comunicação e Cultura na Sociedade do Espetáculo.

Imersos na hipercultura universal ou cultura-mundo (SERROY e LIPOVETSKY, 2011), onde os saberes em rede e o acesso a quantidades volumosas de informação ininterrupta pautam as rotinas e interesses, ainda é possível pensar em um jornalismo que escape do ritmo desenfreado e areje outras produções textuais e recepções de leitura, outras formas de pensamento de mundo sem deixar de atender a especificidades e demandas próprias do campo jornalístico?

A simultaneidade de informações – por vezes não fundamentadas – e a multiplicidade de estímulos visuais parecem contribuir para que a atenção do usuário se volte ao consumo desenfreado e irrefletido de imagens, sons, cores e palavras. É provável que se escreva e se leia mais agora que em épocas anteriores. Mas quais seriam as características dessas leituras e escritas? Especificamente na área jornalística, após a captura da atenção, fator incessantemente almejado, com o que o leitor se depara? Após a formação institucional e acadêmica do comunicador, como se dará a relação de sua escrita em relação ao mundo?

Partindo da premissa de que estamos inseridos num contexto em que textos e leituras comumente evocadas nos ambientes digitais primam pela velocidade, síntese, fragmentação, e, concomitantemente, na produção jornalística as diretrizes enfatizam a necessidade de objetividade, racionalidade, síntese e isenção, como pensar em uma formação de comunicadores capaz de pensar crítica e organicamente essas questões? A jornalista, pesquisadora e docente Cremilda Medina, em seu livro *Ciência e Jornalismo – da herança positivista ao diálogo dos afetos*, apresenta considerações sobre como a racionalidade iluminista e a suposta objetividade científica perpassam os discursos na área da comunicação como dogmáticos e inquestionáveis. Revisitando autores como Augusto Comte, René Descartes, Blaise Pascal e António Damásio, Medina coloca em xeque paradigmas relacionados à visão restrita imposta pela herança iluminista e positivista ocidental e a salutar possibilidade de ampliar ou equilibrar a relação comunicacional humana cujo cerne são os elos:

Corpo e mente divididos por Descartes se unem em Pascal: nossa inteligência ocupa, na ordem das coisas inteligíveis, a mesma ordem que nosso corpo na extensão da natureza. Esse ato relacional define também a reflexão contemporânea sobre a comunicação social. O pensador, na sua intuição sintética, reconhece que o homem tem relação com tudo que conhece. E mais: tem necessidade de lugar para contê-lo, de tempo para durar, de movimento para viver, de elementos para compô-lo, de calor e alimentos para se nutrir, de ar para respirar. Vê a luz, sente os corpos; enfim, tudo cai sob a sua aliança. Este, um significado de sábia profundidade – vivemos sob a aliança, um elo comunicacional ou o signo da relação ((MEDINA, 2008, p.56).

Salientando ainda aspectos como a intuição, o erro, a necessidade de se “cheirar o real” e por ele “se deixar afetar”, a autora aponta para outros campos de conhecimento – como a psicanálise, a literatura, as artes – ainda pouco reconhecidos e legitimados no meio jornalístico.

Como contraponto ao pragmatismo simplificador e unívoco, a autora menciona a necessidade das sutilezas, da “desmistificação e da articulação de sentidos” na abordagem jornalística que se propõe à “arte de tecer o presente” (MEDINA, 2008, pp.30-31).

Lecionando a disciplina de Língua Portuguesa para turmas de Comunicação Social há cinco anos (e para alunas e alunas de escola pública há quinze), sempre me pergunto quais as melhores maneiras, metodologias, didáticas e proposições para lidar com aspectos linguísticos sem resvalar em exercícios e atividades estritamente técnicas e gramaticais sem deixar, no entanto, de contemplá-las. Além das produções escritas, e também visando ao aprimoramento delas, existe uma preocupação com a formação de leitura e ampliação de repertório teórico-literária dos futuros comunicadores. Partindo de impressões e proposições advindas de trabalhos envolvendo a leitura dos livros *O olho da rua – uma repórter em busca da literatura da vida real* (2008) e *A vida que ninguém vê* (2006) junto a turmas de primeiro ano de Comunicação Social (habilitação em Jornalismo), pretendemos refletir e aventar possibilidades didáticas envolvendo escrita e formação de leitura na perspectiva apontada por Medina, ou seja, tendo como horizonte formativo um espectro mais abrangente e flexível que o ditado pela assepsia da racionalidade e do objetivismo.

A pesquisa, de cunho analítico-documental, considera literatura versada nos assuntos em questão: gênero reportagem, elementos e técnicas narrativas, recursos de estilo/linguagem, literariedade no texto jornalístico, escrita *afecto-fictícia* e estruturação discursiva e ideológica. Estão previstas as seguintes etapas de pesquisa:

- 1) Leitura prévia e escolha das reportagens do livro de Eliane Brum que farão parte do *corpus* de pesquisa (etapa já concluída);
- 2) Levantamento de recursos utilizados na escrita das reportagens (literariedades, presença de figuras de linguagem, paródias, intertextualidades, elementos de coesão, recursos sintáticos, lexicais, semânticos) (etapa em desenvolvimento);
- 3) Identificação, seleção, enumeração e quantificação dos recursos mobilizados na escrita;

- 4) Análise do uso dos recursos no âmbito do texto e seus possíveis efeitos estéticos nas formulações discursivas e ideológicas;
- 5) Análise de como as subjetividades e a alteridade são trabalhadas nas reportagens por intermédio das representações;
- 6) Levantamento de hipóteses que confirmem ou refutem a capacidade da escrita jornalística envolver uma dimensão memorialística e afetiva e sobre como isso pode ou não ser alcançado (também) por intermédio das construções linguísticas e das estruturas ficcionais;
- 7) Apontamentos sobre a relevância (ou impertinência) de estudos sobre técnicas narrativas e recursos de linguagem numa perspectiva formativa dialógica e afetiva.

A análise dialógica do discurso – cujo expoente é Mikhail Bakhtin – se apoia nos enunciados discursivos presentes no contexto de interação/interlocução e na teoria dos gêneros discursivos. Os conceitos de infra e superestrutura do autor ampliam a reflexão sobre a relação indissociável dos discursos e das respectivas ideologias por eles veiculadas. Michel Foucault e José Luiz Fiorin também fornecerão subsídios para pensar de que maneira as esferas linguística, estilística e estética do texto tem implicações e desdobramentos nos discursos e ideologias mobilizados durante a escrita.

Quanto às técnicas narrativas e recursos de linguagem, a pesquisa parte de premissas, estudos e conceituações de Aristóteles, Antonio Candido, Umberto Eco, Jacques Rancière e outros que se fizerem necessários na abordagem analítica ainda em desenvolvimento.

Um possível viés ainda a ser trabalhado diz respeito à capacidade de registro e memória (subjetiva e objetiva, individual e coletiva) envolvida na escrita de reportagens que, pela sua qualidade estética e de conteúdo, chegam a ser compiladas em livros. Nesse aspecto, recorreremos à noção de experiência, de Walter Benjamin, e de memória, de Jeanne Marie Gagnebin e Ecléa Bosi.

A formação de leitura do comunicador em aulas de Língua Portuguesa

As leituras breves proporcionariam a mesma profundidade e criticidade que textos longos e bem cuidados (linguística, discursiva, ideológica e esteticamente) envolvem?

Ainda há lugar, tempo e público leitor para, por exemplo, as reportagens literárias mais longas, tanto no suporte impresso quanto digital?

Jonathan Crary, professor de Arte Moderna e Teoria da Arte da Universidade de Columbia, em seu livro *Suspensões da percepção – atenção, espetáculo e cultura moderna*, traz um detalhado estudo a respeito, dentre outros aspectos, do primado da atenção e de sua relação direta com a conformação do sujeito. De acordo o autor, que mobiliza conceitos de Bergson, Dewey, Helmholtz para pensar a atenção, trata-se de pensá-la não como conceito isolado, mas como binômio ou, mais especificamente, par atenção-distração, pois, a partir de estudos realizados por Dewey e fundamentados a partir da observação do modelo de visão da câmara escura, no século XVIII, "a atenção como processo de seleção necessariamente significava que a percepção era uma atividade de exclusão, ao fazer com que partes de um campo perceptivo não fossem notadas" (CRARY, 2013, p.48). A atenção, portanto, além de algo fugidio, consistiria também em dispositivo de recorte da realidade, seleção de elementos em detrimento de outros, o que envolveria distrações. Quem concentra sua atenção em algo, inevitavelmente se distrai, uma vez que privilegia algo e não todo o resto. E, em geral, essa concentração da atenção é fugaz, efêmera, ainda mais se considerarmos o sujeito imerso na cultura digital, onde a captura da atenção é a tônica do suporte:

É natural que a atenção se distraia e passe de uma coisa à outra. Tão logo o interesse por um objeto se esgota, não há nada novo a ser percebido, e a atenção se transfere a outra coisa, mesmo contra nossa vontade. Quando desejamos fixá-la num objeto, devemos constantemente buscar encontrar algo novo nele, e isso é verdade sobretudo quando há impressões poderosas dos sentidos tentando arrastá-la e distraí-la (HELMHOLTZ *apud* CRARY, 2013, p.53).

Ambientes digitais e seus textos nativos (gêneros textuais e discursivos gerados e veiculados essencialmente nos meios digitais) trazem em seu bojo idiosincrasias voltadas ao acesso a informações em brevíssimos intervalos de tempo. A informação proveniente deles consiste em saber inconteste. No entanto, a pergunta que se faz é: a leitura de textos mais longos, geralmente realizada em jornais, revistas, livros, papéis impressos ou, já em diálogo com as tecnologias, em e-books ou em plataformas digitais que permitem a veiculação de textos maiores, encontra lugar relevante ainda hoje? E, na construção estrutural desses textos, as unidades aristotélicas com início, meio e fim, que visam à construção de encadeamentos causais e à verossimilhança ainda estão em voga?

O filósofo Jacques Rancière, em *O fio perdido – ensaios sobre a ficção moderna*, destaca como as estruturas da ficção nos moldes aristotélicos, além de estarem presentes nos discursos não ficcionais (antropológicos, sociológicos, jornalísticos), refletem, e ainda refletem, a divisão hierárquica entre homem ativos e homens passivos, entre o que é esperado – verossímil na ficção – e o que não é. Segundo ele, a narrativa contemporânea que rompe com a cadeia de causalidade e de verossimilhança, ainda que a ela se reportando e se embasando, acaba por instaurar – seja pelo detalhe descrito pormenorizadamente, seja pela ausência de um começo, meio e fim lineares – também a ruptura com essa divisão política entre homens. Ao analisar *Um coração simples*, de Flaubert, o filósofo menciona a presença insistente e inflacionada de um detalhe descritivo, um barômetro, analisando-o como um dispositivo de “ruptura da ordem representativa e do seu cerne, a hierarquia da ação” (RANCIÈRE, 2017, p.19). A organização das ações por intermédio da representação e da ficção, segundo Rancière, salienta ainda mais a divisão entre quem está autorizado a agir (e a escrever) e quem não:

Essa capacidade que separa o escritor dos meeiros lhe permite também subtraí-los de outra forma de apropriação, a do poder mediático que o enviou ali para coletar os sinais que permitem tornar suas vidas imediatamente legíveis e inteligíveis e integrá-las ao relato verossímil da necessidade social que ele oferece periodicamente ao consumo de seus leitores. Porque o jornalismo é, no século XX, a grande arte aristotélica. Ele constrói a realidade segundo um esquema de verossimilhança ou de necessidade, ou mais precisamente, um esquema que torna idênticas a verossimilhança e a necessidade. (RANCIÈRE, 2017, p.76)

Depreende-se pela citação a importância (e o risco) da mediação jornalística uma vez que é ela que parece tornar legível e interpretável a vida. Ao afirmar que o jornalismo é a grande arte aristotélica do século XX, aponta para o uso das unidades aristotélicas que visam à verossimilhança na construção das estruturas orais, textuais e discursivas. E, agora pensando numa dimensão formativa em Comunicação, como a elas ter acesso, como fazer uso consciente, intencional e apropriado de tais ferramentas sem resvalar para o uso meramente tecnicista ou exacerbadamente racional e objetivo?

Em projeto de pesquisa sobre leitura literária e formação em Comunicação, realizado em 2016, verificou-se que elementos narrativos próprios da ficção se fazem presentes nas narrativas jornalísticas conferindo-lhes literariedade, fluxo textual e tratamento estético que, por sua vez, podem influenciar na recepção. A aposta no detalhamento das personagens (cujo recorte de pesquisa gerou artigo científico, publicado

em 2017³), por exemplo, acaba por gerar identificação e familiaridade – por *afetar* (do latim *afecto*) o interlocutor, contribuindo para o avanço de uma leitura mais receptiva e crítica de textos jornalísticos densos como a reportagem.

Como as odisséias cotidianas, as de “gente comum”, podem ser narradas literária e significativamente em reportagens? Svetlana Aleksíévitch, nobel de literatura em 2015, jornalista e escritora ucraniana, em seu livro *O fim do homem soviético* (2016), reúne vasto material – coletado entre os períodos de 1991 e 2001, logo após a queda da União Soviética, e entre 2002-2012, quando a abertura econômica já se consolidava – para esboçar um panorama do complexo contexto político, social e econômico da Rússia. O “método” por ela utilizado é mencionado como *conversas de cozinha* pela tônica informal que perpassa os depoimentos a ela conferidos, pelas informações que se revelam em virtude da interlocução intimista e que, pela técnica narrativa ficcional (ajustada ao campo da não ficção), são tratadas – jornalística e literariamente – de modo a fazer surgir uma tessitura textual polifônica que exprime dialeticamente singularidade de vozes em configuração coletiva.

Algo semelhante parece acontecer com a escrita de Eliane Brum, jornalista e escritora brasileira que recentemente (2017) teve seu livro *O olho da rua – uma repórter em busca da literatura da vida real* (2008) reeditado. Composto por dez reportagens⁴ que misturam em seu bojo diferentes gêneros textuais (perfil, crônica, epístola, conto), a obra disponibiliza ao leitor a reportagem realizada seguida de comentários posteriores (distanciados temporalmente de sua feitura) da autora sobre a sua realização e eventuais problemáticas envolvidas nos processos. Esse dispositivo didático e reflexivo já foi utilizado por outros jornalistas que publicaram compilações de seus textos jornalísticos, como Audálio Dantas, em *Tempo de reportagem – histórias que marcaram época no jornalismo brasileiro* (2012). Ao se debruçarem com mais criticidade sobre suas produções, os autores acabam por desfiar exprobrações corajosas que alimentam um contínuo pensar sobre como lidar com a representação da alteridade e com a complexidade do outro na narrativa jornalística, além de discutir a pertinência anterior e posterior dos temas retratados, o valor documental que os textos jornalísticos podem

³ O artigo em questão se deteve na análise da premiada reportagem “Os trabalhos e os dias”, da jornalista Natália Viana. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/26025>.

⁴ “A floresta das parteiras”, “A guerra do começo do mundo”, “A casa de velhos”, “O homem-estatística”, “O Povo do Meio”, “Expectativa de vida: vinte anos”, “Coração de ouro”, “Um país chamado Brasilândia”, “O inimigo sou eu” e “Vida até o fim”.

atingir e a capacidade de constituir memórias singulares e coletivas num espectro mais amplo.

Em *Memória e Sociedade – lembranças de velhos*, a psicóloga e pesquisadora Ecléa Bosi, a partir de preceitos da Psicologia Social, ressalta aporias relativas ao envelhecimento em sociedade. Eliane Brum, em uma das reportagens de seu livro, realizada em uma casa de acolhimento para idosos, ao entrevistar diferentes pessoas que passaram a residir no abrigo sintetiza metafórica e estilisticamente a diminuição da relevância social de quem envelhece: “A vida inteira espremida numa mala de mão”. Bosi se ampara em relatos de velhos (como prefere nomear) para salientar a importância ainda mais premente da memória numa sociedade que relega quem ou que envelhece à marginalidade social. À luz dessa premissa, poderíamos questionar que outros agrupamentos e sujeitos sociais são igualmente relegados ao esquecimento por não figurarem enquanto significativos junto a instâncias legitimadoras (mídia, poder público e econômico) e de que maneira ainda podem ter suas memórias registradas enquanto suas vozes *ainda* não são ouvidas. Em contrapartida, a constância de ações que implícita ou explicitamente pretendem o apagamento da memória de movimentos de resistência – de práticas culturais, políticas, sociais que ousaram se contrapor às ideologias dominantes e à cultura hegemônica – já é conhecida. O ataque à memória, localizado ou sistêmico, não acontece inadvertidamente, conforme explica a filósofa e professora Jeanne Marie Gagnebin ao discorrer sobre o holocausto e os testemunhos dos sobreviventes de Auschwitz. Sem registros, marcas, rastros de quem resistiu ou lutou apesar da violência e da opressão, não há história possível:

(...) aquilo que não tem nome, aqueles que não têm nome, o anônimo, aquilo que não deixa nenhum rastro, aquilo que foi tão bem apagado que mesmo a memória de sua existência não subsiste – aqueles que desapareceram tão por completo que ninguém lembra de seus nomes. Ou ainda: o narrador e o historiador deveriam transmitir o que a tradição, oficial ou dominante, justamente não recorda” (GAGNEBIN, 2009, P.54).

Nesse sentido, algumas reportagens parecem ainda cumprir um papel destacado junto a determinados meios de veiculação e difusão jornalísticas pelo acesso que têm a eles, embora a solução não seja a mais desejável, uma vez que, ainda que empenhados, são apenas mediadores e não porta-vozes dos reportados. Ainda assim, possibilitar a escuta e tornar possível que suas narrativas sejam lidas, vistas, ouvidas e refletidas publicamente parece já consistir numa relevante função jornalística. Mas há ainda o fato

de trazer à tona, em caráter testemunhal, o que está invisibilizado e alertar para os ciclos de exclusão e violência – física, simbólica – que se perpetuam:

Testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente (GAGNEBIN, 2009, p.57).

A reportagem poderia então ser considerada ferramenta na preservação de histórias e memórias geralmente ausentes em registros oficiais, institucionais ou em veiculações midiáticas? Se sim, de que maneira essas memórias são (ou deveriam ser) tratadas na esfera textual, na escrita? Que recursos retóricos, estilísticos e ficcionais são mobilizados na escrita jornalística que possibilitam maior veracidade e verossimilhança na condução jornalística dessas narrativas? Que efeitos o uso desses recursos pode evocar no texto jornalístico-literário? A constância na produção de textos que se apoiam em longos relatos e se concentram em narrativas singulares e subjetivas pode corroborar a constituição de memórias coletivas de agrupamentos maiores, tendo como mote temas mais abrangentes e políticos (de implicação na *pólis*)? A escuta atenta, a seleção de trechos, o tratamento linguístico e literário e a transposição discursiva têm que implicações na resultante textual final?

Esses são alguns aspectos que a presente pesquisa visará abordar mediante a análise dialógica do discurso, sob a perspectiva dos gêneros discursivos de Mikhail Bakhtin (*Estética da criação verbal* e *Marxismo e filosofia da linguagem*), e a detecção de elementos discursivos retóricos explanados por Aristóteles (mais especificamente o uso de figuras de estilo e seus respectivos efeitos na construção textual e discursiva). Considerando os gêneros discursivos primários (utilitários) e secundários (literários) divisados por Bakhtin, bem como seus possíveis entrecruzamentos, pretende-se investigar em que medida algumas reportagens transitam entre um e outro gênero discursivo de modo a contemplar ambas as esferas, pragmática e estética. Já no interior das estruturas textuais, procurar-se-á analisar as construções sintáticas, as redes semânticas e lexicais e suas implicações no tecido discursivo de três reportagens do livro *O olho da rua – uma repórter em busca da literatura da vida real*, de Eliane Brum. Para a análise de elementos ficcionais e narrativos, Aristóteles (*Arte Poética*), Antonio Candido (*A personagem de*

ficção), Umberto Eco (*Seis passeios no bosque da ficção e Apocalípticos e integrados*), Anatol Rosenfeld (*Texto/Contexto* e *O teatro épico*) e Jacques Rancière (*O fio perdido*) são os autores nos quais a pesquisa se apoiará para refletir sobre personagem, tempo e espaço narrativo, encadeamento causal, verossimilhança, foco narrativo, fluxo, ritmo e outros elementos que impulsionam uma escrita que possibilita a sensibilização do leitor durante a leitura do gênero jornalístico reportagem.

A escrita de Eliane Brum poderia ser pensada sob outro viés, como a arte da escuta que se desdobrará em material para fomentar a escrita. Escuta aliada à presença junto ao entrevistado, imersão nos lugares em que ele circula, um olhar estrangeiro diante do que é próximo ou banalizado cotidianamente. E a transposição desses dados e aspectos ao texto de maneira detalhada, minuciosa, buscando efeitos e lampejos poéticos.

Caco Barcellos⁵, jornalista repórter e escritor, enumera no prefácio do livro trechos que ele teve “vontade de fazer cópias dos originais para distribuí-las, com urgência, aos colegas” e leu “em voz alta na redação e no carro da reportagem algumas frases dos capítulos que mais emocionaram”:

“Elas são chamadas nas horas mortas da noite para povoar o mundo”.
“O garimpeiro é o brasileiro pobre que se recusou a desistir”.
“Inventaram a expressão casa de repouso para abrigar velhos supostamente cansados da vida quando é o mundo que se cansou deles”
(BARCELLOS *apud* BRUM, 2008, p.12).

O uso da afirmação própria de aforismos confere caráter de constatação e efeito determinante nos enunciados acima; além disso, a prosopopeia (“*horas mortas*”), a hipérbole (“*para povoar o mundo*”), uso de ditos populares, chistes, provérbios ou chavões modificados (o brasileiro que não desiste nunca é transformado em “*o garimpeiro pobre que se recusa a desistir*”), o trocadilho e o jogo com o léxico e sua respectiva malha semântica (“*casa de repouso*”, “*velhos cansados*” e “*mundo que se cansou deles*”) provocam efeitos relevantes na recepção de leitura.

Noutro trecho do livro, há ainda recursos de personificação (“*história da vida sai*”), metáfora (“*ele é todo pedido de socorro*”), hipérbole (“*história da vida sai encharcada*”), gradação (“*Ele é todo pedido de socorro [...], um pedido de socorro sem esperança*”) e elipse (determinante no texto, pois a supressão do verbo “perdeu” e o uso da vírgula em

⁵ “A reportagem é a arte da escuta. Para Eliane Brum, é muito mais do que ouvir. Por autodefinição mulher esfinge, ela exercita com esmero o seu dom de ouvir, que abrange por ofício a captação do tom e do ritmo das palavras e do silêncio. É o seu jeito de aproveitar ao máximo o privilégio dos repórteres: o de ver primeiro, o de entrar nas casas, o de ouvir narrativas de vidas, do parto à vivência da morte, para depois transmitir aos outros” (Caco Barcellos, jornalista, no prefácio do livro de Eliane Brum).

“*Ela, três filhos*” sugere gráfica e esteticamente a perda dos filhos). A autora ainda lança mão de uma intertextualidade aludindo à mitologia grega para esboçar a metáfora das “*pedras que choram*” na tentativa de definir a quase indefinível condição da mãe que perde seus filhos:

A história de sua vida sai encharcada. Zeus, na mitologia grega, compadeceu-se do pranto de Níobe, cujos sete filhos e sete filhas foram mortos. Na lenda ele transformou aquela mãe numa rocha que verte água. Foi a forma encontrada pelos antigos para representar a dor sem nome. Mães que perdem filhos assassinados são pedras que choram. (...) As crianças perderam os pais. Ela, três filhos. O último em janeiro. Quando o menino de cinco anos dorme, seu olho fica entreaberto, o corpo treme sobre a cama. Ao acordar, tem um olhar vago. Ele é todo pedido de socorro, precocemente derrotado. Um pedido de socorro sem esperança (BRUM, 2008, p.208-209).

O uso dos recursos destacados no interior do texto jornalístico em questão possibilita a formação de imagens, aguça a percepção conduzindo e solicitando a recepção do leitor de modo semelhante ao fenômeno desencadeado durante a leitura de textos literários, porém lidando com fatos e discursos referenciais. São técnicas de escrita, de estruturação e de tratamento textual que favorecem a elaboração de narrativas não fictícias contundentes, sensíveis, as quais pretendemos investigar com a finalidade de torná-las acessíveis e ensináveis enquanto processos de escrita jornalística que não se restrinjam – embora também se reportem – à esfera factual, concreta e objetiva.

Referências bibliográficas

- ALEKSIÉVITCH, S. **O fim do homem soviético**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- ARISTÓTELES. **Arte Poética**. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- _____. **Retórica**. São Paulo: Edipro, 2011.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BENJAMIN, W. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política** (Vol.1). 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, E. **Memória e sociedade – lembranças de velhos**. São Paulo: Edusp, 1987.
- BRUM, E. **O olho da rua – uma repórter em busca da literatura da vida real**. São Paulo: Globo, 2008.
- _____. **A vida que ninguém vê**. São Paulo: Arquipélago, 2006.
- CANDIDO, A. **Vários escritos**. [Edição revista e ampliada]. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

-
- _____. (Org.) **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- CRARY, J. **Suspensões da percepção – atenção, espetáculo e cultura moderna**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- DANTAS, A. **Tempo de reportagem – histórias que marcaram época no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Leya, 2012.
- ECO, U. “Sobre algumas funções da literatura”. In: **Sobre a literatura**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- _____. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das letras, 1994.
- _____. “O uso prático da personagem”. In: **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 2007.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2006.
- GAGNEBIN, J. M. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2009.
- KLAUTAU, C. Os princípios físicos da incerteza e da complementaridade e a Comunicação: diálogos possíveis. In: KÜNSCH, D. A. [et. al.] (Orgs.). **Produção de conhecimento e compreensão**. São Paulo: UNI, 2017.
- LIMA, E. P. **Jornalismo literário para iniciantes**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.
- LIPOVETSKY, G. e SERROY, J. **A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- MEDINA, C. **Ciência e Jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2008.
- _____. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.
- RANCIÈRE, J. **O fio perdido – ensaios sobre a ficção moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- SOARES, M. H. “A personagem de ficção e a reportagem”. In: **Revista Letras de Hoje**. Porto Alegre (RS), n. 52, n. 2, pp. 206-213, abril-junho de 2017.

